

BRASIL-PORTUGAL

16 DE MARÇO DE 1906

N.º 172

Dr. Affonso Pena



Novo Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil

Declaração

Um dos directores do «BRASIL-PORTUGAL», o sr. conselheiro Augusto de Castilho, é absolutamente estranho á publicação dos artigos que n'esta Revista tem apparecido ou venham a apparecer relativos ao sr. dr. Theophilo Braga.

Não os outros directores da Revista tem exclusiva interferencia n'este assumpto, e é um dever de lealdade para com o seu presado collega que os leva a fazer esta declaração.

«Propaganda de Portugal»



e ha vinte annos o nosso Mendonça e Costa se lembrassem de convocar os seus collegas, os seus amigos e os elementos de trabalho e pensamento da sociedade portugueza, para com elle collaborarem na propaganda do paiz e na adaptação ás necessidades e exigencias da civilização universal, o nosso Mendonça e Costa corria o risco de ficar sósinho, n'aquelle «engano de alma ledo e cego, de que fala o poeta, a remirar a trajetória da sua ideia através de Sirius, Alderaban ou Venus.

E' que, n'esse tempo, quem tinha um momento disponível dava-o á politica. A politica era ainda, até para os homens de mais siseudez e experientes, uma esperança, a maior esperança, a unica esperança. O Estado providencia, o Estado ama de leite, o Estado bode, o Estado milagre, o Estado prompto allivio, o Estado *magister*, curandeiro, rabula, callista, manicuro, crêche, compadre, gato pingado, omnisciente, omnipresente e grande salvador de entalções publicas e privadas, era ainda a noção fundamental da mentalidade portugueza na politica, na administração, na economia, nas finanças e na moral. Deante do Estado, d'aquem e d'além mar, em Africa, e das conquistas e navegação da Ethio-



Mendonça e Costa

pia, Arabia, Persia e India, que podia, que valia o cidadão Mendonça e Costa? e que podiamos, que valiamos todos nós, miseros vermes, que do pó nascemos e para elle voltaremos? Se o Estado, com o seu poder immenso, e mais a chave da burra, e mais os impostos, e os empréstimos, e a guarda municipal, e a policia, e o theatro normal, e *tuti quanti*, não civilisara, nem propagara, como é que Mendonça e Costa, e os amigos de Mendonça e Costa, e os cidadãos sympathicos a Mendonça e Costa, haviam de civilisar e propagar? Evidentemente era uma utopia, um contrasenso, uma illusão e mais na serie infundavel das illusões. E Mendonça e Costa, e a sua idéa, e todos nós que entusiasticamente a adoptamos, haveriamos sido corridos... por *improcedentes*, como dizem os hespanhoes com aquella graça toda sua.

Mas a politica não correspondeu ás esperanças que n'ella depositava o paiz, e varrida de muitos espiritos, dos melhores espiritos, essa obsessão nacional, ficaram estes em disponibilidade para pensar em coisas uteis, discutil-as e organisal-as. Data d'essa epoca a orientação pratica que, ultimamente, parece encaminhar para fins concretos as actividades que, outr'ora, se consumiam esterilmente em divagações especulativas. O amor patrio ganhou em factos o que perdeu em tropos. Passou a ser mais intelligente,

mais consciente, mais humano. Que era antigamente o patriotismo? Uma figura de rhetorica, um pretexto, uma mentira convencional como a carta, os cumprimentos do anno bom, as regras do protocollo e o luto dos herdeiros universaes de um tio rico fallecido nos antipodas. Hoje, patriota é o povo que sabe e quer adaptar o seu paiz a todos os progressos da civilização universal. Perdem talvez com isso os mortos alguma tirada rhetorica, mas, em compensação, lucraram immensamente os vivos, e dos vivos é sempre o mundo, na renovação incessante das gerações.

Esta evolução da mentalidade portugueza nos ultimos dez annos aplanou consideravelmente o caminho a Mendonça e Costa, alqueivou o terreno para a germinação de uma ideia, que, logo á primeira convocatoria, reuniu nas salas da Liga Naval, gentilmente cedidas, um grupo numeroso de pessoas qualificadas e cheias de boa vontade.

D'esse grupo saiu a primeira commissão geral organisadora, e, d'essa commissão geral, uma sub-commissão que, por unanimidade, elaborou e votou as bases geraes da esphera de acção da nova sociedade.

Essas bases são as seguintes:

Com o titulo *Sociedade Propaganda de Portugal*, é fundada uma associação tendo por fim, pela sua acção propria, pela intervenção junto dos poderes publicos e administrações locais e pela collaboração com estes e com todas as forças vivas da nação, promover o desenvolvimento intellectual, moral e material do paiz e, principalmente, esforçar-se por que seja visitado, admirado e amado por nacionaes e estrangeiros.

A sociedade é absolutamente alheia, no desempenho dos seus fins patrioticos, ás questões politicas e religiosas.

Os seus meios de acção são os seguintes:

Acção propria:

a) Organisar e divulgar o inventario de todos os monumentos, riquezas artisticas, curiosidades e logares pittorescos do paiz e de todas as praias, thermas e logares de montanha adaptaveis ás curas de ar ou ao alpinismo, sua exposição, clima, acção therapeutica, alojamentos e communicações terrestres, fluviaes ou maritimas;

b) Publicar itinerarios, guias e cartas-roteiros de Portugal;

c) Organisar ou auxiliar excursões e passeios terrestres, maritimos ou fluviaes, e collaborar n'esse sentido com as sociedades congeneres;

d) Promover por meio de congressos, exposições, diversões e festas, a concorrência dos estrangeiros, e uma circulação cada vez mais activa dos nacionaes dentro do proprio paiz;

e) Ministrar na sua sede ou por intermedio dos seus delegados ou representantes nos diversos pontos do paiz a todos os excursionistas, nacionaes e estrangeiros, as indicações necessarias a quem viaja por curiosidade, distracção ou saude.

f) Fornecer a hoteis, casinos, estabelecimentos balneares e hydrotherapicos, companhias de transportes, commerciantes etc., plantas de installações, tabellas de preços, indicações hygienicas, listas de objectos de uso corrente nos grandes centros de villegiatura e *tourismo*;

g) Promover as reformas e melhoramentos de installação e regimen de hoteis, empresas de transporte e serviços locais necessarios aos excursionistas, auxiliando com a sua publicidade os que se tornarem e mantiverem dignos de recommendação;

h) Estudar todas as questões de interesse geral connexas com os fins da sociedade (Regulamentos administrativos, viação, terrestre e maritima, illuminação, alfandegas, medidas sanitarias, hygiene publica e privada, etc., a questão dos portos francos.)

i) Fundar uma revista, órgão official da sociedade e contendo todas as informações uteis aos seus fins;

j) Promover para os seus associados, junto das companhias de caminhos de ferro, empresas de navegação, administrações publicas e locais, hoteis, estabelecimentos hydrotherapicos, casas commerciaes, etc., quaesquer concessões ou vantagens.

Acção junto dos poderes publicos e administrações locais.

a) Pedir aos poderes publicos e administrações locais e remoção de todas as difficuldades oppostas á hora da entrada, circulação e saída de nacionaes e estrangeiros;

b) Collaborar com o Estado e com as corporações locais em tudo quanto possa valorisar as bellezas naturaes do paiz, conservar o seu patrimonio artistico, augmentar o seu conforto material e facilitar as communicações, tornando as excursões commodas e apraziveis;

c) Promover a installação de postos de socorro nos logares isolados, postes indicadores nas estradas e seus cruzamentos, informando sobre logares e monumentos interessantes, á entrada de descidas perigosas e em geral a balisagem clara, expedita e completa das vias de comunicação e a illuminação das costas maritimas.

Acção internacional:

a) Cooperar com todas as associações similares estrangeiras («touring-clubs», syndacatos de iniciativa, etc.), e com as agencias de viagens, recebendo e prestando todos os serviços que, de accordo com os seus fins, puder receber e retribuir.

b) Promover uma larga propaganda no estrangeiro a favor do paiz por intermedio das legações, consuladas, camaras de commercio, agencias privativas da sociedade, ou pela acção individual ou collectiva dos seus socios.

Sede da sociedade:—Lisboa, com expansão em todo o paiz, por meio de filiaes, secções ou delegações locais.

Condições de admissão na sociedade:—Haverá cinco classes de socios:

a) Socios «effectivos», os quaes pagarão a quota annual que elles proprios fixarem no acto da inscripção, não podendo, porém, a referida quota ser inferior a 1\$200 réis. As quotas de 2\$000 réis ou mais poderão ser pagas em prestações semestraes;

b) Socios «auxiliares» os que pagarem por uma só vez quantia não inferior a 50\$000 réis;

c) Socios «benemeritos» os que pagarem por uma só vez a quantia de 500\$000 réis, ou 50\$000 réis annualmente;

d) Socios «honorarios» os que houverem prestado á sociedade serviços excepcionaes e relevantes;

e) Socios «correspondentes» os portuguezes ou estrangeiros, não domiciliados em territorio portuguez, que prestarem serviços á sociedade.

Os socios effectivos que pretenderem remir a sua contribuição, pagarão vinte e cinco vezes a quota minima, ficando isentos de qualquer pagamento futuro.

Nas mesmas condições ficarão todos os socios que houverem contribuido por uma só vez com quantia não inferior áquella.

São considerados socios fundadores os que se inscreverem em qualquer das tres primeiras categorias até á approvação dos estatutos.

Ar livre

POR

Affonso Lopes-Vieira

Não seria, talvez, fácil encontrar, no momento presente, outra formula em que, tão á vontade, coubessem todas as intenções sinceramente patrioticas. Excluida severamente a politica dos propósitos da nova instituição, e, n'essa exclusão, até os politicos militantes e profissionaes estão de accordo, quem quer que ame o progresso da nossa terra em qualquer das suas afirmações vitae tem na sociedade *"Propaganda de Portugal"*, um vasto campo onde pode exercer a sua actividade. Com effeito, para integrar Portugal no movimento geral das ideias, para que nenhum progresso lhe seja extranho nem elle extranho a nenhum progresso, é indispensavel a colaboração de todas as capacidades e de todas as aptidões, onde quer que se exerçam, como quer que se manifestem.

A nova sociedade não é extranha a nenhuma forma de actividade; não repelle nenhuma cooperação, seja ella qual for; aproveita, como a formiga, todas as contribuições; ouve, com interesse, todos os alvites; consulta, com empenho, todo o portuguez, ainda o mais humilde e obscuro, que possa trazer lhe um alvite util, uma lembrança feliz. N'uma palavra, é a formula ampla, fecunda e luminosa da cooperação nacional, na sua expressão mais desinteressada e pura.

O titulo, por si só, vale uma definição. Diz tudo. *Propaganda de Portugal*: do clima, do céu, da paisagem, da historia, da bondade portugueza. Um mundo n'uma phrase breve. *Propaganda de Portugal*? É simples, claro, eloquente. Só se propaga o que é bello, amovavel, digno de ser visto e amado. Portugal é bello, naturalmente bello, de uma belleza suave, na campina, de uma belleza austera, na montanha, de uma belleza soberba, na costa maritima. Que lhe falta? a *toilette*, simplesmente a *toilette*. Tem lindos cabelos; não os penteia; tem lindos rostos; não os lava; tem lindos sitios; não os arrebica; tem lindas salas; não as mobila; tem lindos jardins; não os trata; tem lindas paisagens; não as anima. A natureza existe: falta o homem; as forças naturaes não falham, submissas e obedientes como em parte alguma; não os aproveitam. A nova sociedade suppre essa lacuna: é o homem organisando e disciplinando todas as forças da materia, collaborando com ellas, associando á natureza prodiga dezenove seculos de intelligencia, de estudo e de trabalho, e fazendo em seguida a propaganda d'essas maravilhas e riquezas.

Da propaganda do paiz não podia o *Brasil-Portugal* desinteressar-se. Foi esta excellente revista que, ainda antes de constituida a nova sociedade, contrapoz, espontanea e desinteressadamente, á propaganda hispano-argentina, hostil ao porto de Lisboa, a exposição concreta e graphica do que é e do que vale este magnifico *caso da America* n'uma situação geographica sem rival e de uma formosura que já captivava o mundo, quando o mundo nada era e nada valia ao pé d'este cantinho da terra.

CUNHA E COSTA.

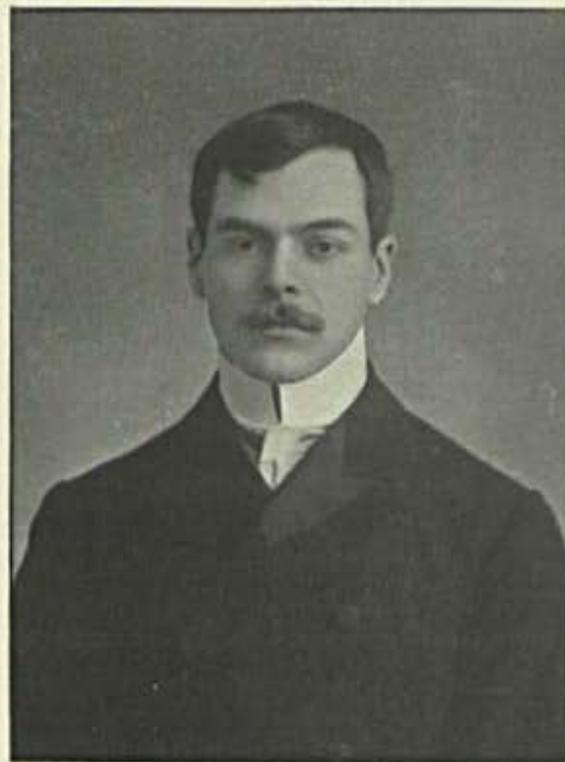


Eduardo Schwalbach

O jornalista scintillante e dramaturgo laureado que, da commissão promotora das homenagens a prestar ao Brasil pela catastrophe do *"Aqui-d'abans"*, accellara a missão de falar do palco da Trindade, quando ali se realisou o espectáculo offerecido pela companhia Taveira, proferiu um discurso tão eloquente e emocionante, tão profundamente soube fazer vibrar a alma de Portugal e do Brasil, que brasileiros e portuguezes o saudaram com entusiasmo n'esta memoravel noite de 9 d'este mez.

O sr. Affonso Lopes-Vieira, que acaba de publicar o volume de versos *Ar livre*, tem um alto lugar, que ninguém lhe contesta, entre os mais notaveis poetas da nova geração. O livro, ha pouco apparecido, confirma d'um modo ineluctavel o que vimos de dizer.

O lyrismo subtil e intenso do sr. Lopes Vieira toma uma viva feição acentuadamente pantheista, de sentido amor pela natureza, e de humana ternura pelas coisas simples, desgraçadas, humildes... E posto que tudo isto não seja novo, — porque já o *Ecclesiaste* gritava que *nada havia novo debaixo do sol*, — é certo que o au-



Affonso Lopes-Vieira

ctor do *Encoberto* e do *Ar livre* sabe dar á sua arte novidade e imprevisto, porque é um verdadeiro poeta, e os sinceros, verdadeiros poetas, tocam d'uma graça propria e doiram d'uma luz divina todo aquillo que, como agora, deliciosamente sabem cantar.

De resto, o sr. Lopes-Vieira não encobre as raizes da sua esthetica, quando apregoa em versos excellentes a suprema grandeza de S. Francisco de Assis e de Spinoza. E, como artista, elle diz em fórmulas crystallinas bellas palavras de verdade, de equidade, de justiça. Para nós, em boa verdade, é este um livro que cordealmente nos enleva. A sua arte é generosa, humana, palpante d'um fundo sentimento que exalta o poeta sem perturbar a belleza da sua obra. O seu lyrismo do *Naufragio* subsiste, hoje encaminhado n'outro sentido, como uma corrente limpida onde se reflectem as mais pequeninas flores e as mais altas estrellas, e que vai regar terras mais fecundas, e matar a sede a bocas mais queimadas... A visão do poeta alargou-se, a sua alma commungou com a do universo. A sua arte tem mais grandeza e mais sonho, e traz certo travar de lagrimas compassivas, que tornam o artista digno do amor dos homens. Pois não é maior o poeta que mais perto está das fontes eternas da Poesia? O auctor do *Ar livre* diz-nos em paginas admiraveis quaes são algumas d'essas fontes.

O seu lyrismo é communicativo e benefico, com raizes no coração da Vida.

Ha realmente ali o *Ar livre* das serras, que tonifica a propria alma nostalgica.

E cantando as formigas, uma gotta de agua, ou o olhar triste d'alguuma flor rasteira, é se bem maior poeta do que cantando o carro d'oiro de I'hebo, ou o esplendor momentaneo das vaidades mentirozas.

JULIO BRANDÃO.

O congresso de medicina

Quando foi do Congresso Internacional de Madrid e se deliberava sobre a escolha do lugar de reunião do futuro congresso, alvitrou-se que se realisasse em Lisboa.

Suprema era a honra, mas pesado o encargo.

Todas as grandes capitães, os mais reputados centros scientificos, haviam já sido honrados com a presença d'esses certamens. Cabia agora a vez a Lisboa, que assim se tinha de nivelar

portuguezes, que saberiam provar que não se tem alheiado do movimento scientifico mundial.

Escasseiava nos porém um conjunto de condições necessarias, sem as quaes o exito do congresso se tornaria lamentavelmente aleatorio. E em tal caso o que se poderia volver em motivo de orgulho e desvanecimento, arriscava-se a resultar n'uma triste vergonha, que melhor fôra evitar.

Assim o reflectiram os delegados officiaes ao congresso de Madrid, o conselheiro Costa Allemão e o professor Miguel Bombarda. Antes de acceitar o compromisso, dirigiram-se ao chefe do governo de então, perguntando se poderiam contar com o apoio do governo portuguez.

O sr. conselheiro Hintze Ribeiro, o illustre estadista, que en-



Dr. M. da Costa Allemão
Presidente do «comité» portuguez



Dr. Miguel Bombarda
Secretario geral

na medida das suas forças com aquelles brilhantes fôcos de irradiação scientifica.

Não nos faltariam, mercê da nossa optima situação geographica, as mais bellas galas naturaes para a recepção festiva dos congressistas.

Não fracassaria tambem o congresso pelo lado dos medicos

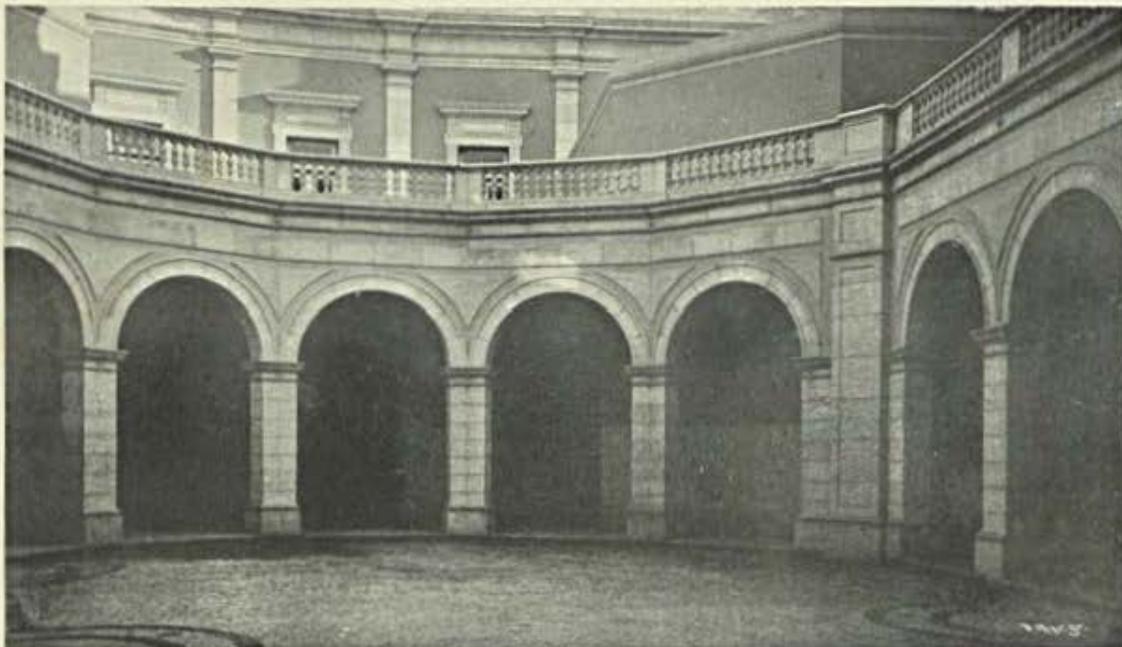
tão presidia ao governo, comprehendendo desde logo com a nitidez do seu esclarecido espirito as vantagens da realisação de tal facto, de prompto respondeu que se acceitasse o alvitro, que o governo portuguez não faltaria ao cumprimento dos seus deveres.

Estava assim assegurado o exito do congresso, uma vez que o compromisso do governo portuguez permitiria o preenchimento d'essas lacunas, que, a existirem, poriam em cheque o resultado do congresso.

E não havia que receiar. O compromisso tomado por aquelle illustre estadista, se para elle fôra um pacto sagrado pelas altas responsabilidades do seu elevado cargo, não o deveria ser menos para quem quer que como governo lhe succedesse, ou o fôsse á data do congresso.

E' que factos d'esta ordem constituem heranças, sem duvida que ajuizadas de pesados encargos, mas que não é licito rejeitar sem attentar contra o brio nacional.

Assim animados, metteram mãos á obra aquelles que haviam recebido tão solemne compromisso, formando-se logo uma grande commissão de organisação e propaganda,



A Nova Escola Medica. — O claustro

da qual se escolheu um *comité* executivo para pôr em pratica as deliberações tomadas.

Todos os que constituem o *comité* executivo se teem empenhado em assegurar o exito do congresso, mas seria grave injustiça não destacar o secretario geral, o illustre professor Miguel Bombarda.

Quem o não tenha visto trabalhar para o congresso, mas o conheça de perto, calcula bem quanto se haja multiplicado aquella prodigiosa actividade.

Intelligencia de primeiro quilate, servida por uma vontade decidida e forte, o professor Bombarda era a individualidade indicada para arcar com tamanho encargo.

D'uma energia persistente, que nunca desfallece, mesmo perante as maiores difficuldades, d'uma resistencia e intensidade de trabalho, que quasi contrariam as leis physiologicas da fadiga, não pára, nem descança, resolvendo as grandes questões, ou attendendo aos minusculos incidentes d'um expediente que apavora, multiplicando-se em fim por tal maneira que não falta onde quer que o reclama.

O *comité* executivo procura desempenhar-se com honra do encargo que lhe commetteram, dispondo tudo para que o exito se torne seguro.

Antes de mais impunha-se a obtenção do logar de reunião adequado, e nenhum outro tão proprio como a Escola Medica da capital.

Mas o edificio da Escola era uma velha e arruinada dependencia do Hospital de S. José, impropria e condemnada para o ensino, vergonhosa para se exhibir como modelo de incuria e miseria nacionaes.

A nova Escola, ao Campo de Sant'Anna, começada por determinação do sr. conselheiro Antonio Candido, quando ministro do reino, eternisava-se em construcção, indo já quasi esquecida a epoca do inicio dos trabalhos, ninguém assegurando ao certo a epoca em que terminariam.

La passando a lenda de obra que se começou e nunca se acabou, faltando apenas que a credence popular fizesse intervir um espirito ruim, a impecer por juramento damnado a ultimação da obra. Houvera-o. é certo, mas esse é o que nos tolhe sempre as melhores iniciativas — o desleixo nacional; e haveria até mais d'um a intervir no maleficio, porque não seria estranha no caso a costumada imprevidencia que leva a gastar improductivamente avultadas sommas em grandiosas obras incompativeis com as nossas forças orçamentaes. E d'ahi o ficarem algumas incompletas, até mesmo nos alicerces.

Ora a Escola Medica era condição *sine qua non*. Seria inqualificavel desvergonha convidar o mundo para um congresso medico, para lhe dizer de entrada que a medicina portugueza não tinha casa propria e que por isso accetassem o convite para casa alheia.

Era a primeira solicitação a fazer, e a essa responderam com uma visita ao encantado edificio o sr. conselheiro Hintze Ribeiro, presidente do conselho e ministro do reino, e o sr. conde de Paçõ Vieira, ministro das obras publicas, que logo ordenaram que se proseguisse nas obras com a maior actividade, sendo n'este empenho secundados pelo ministro da fazenda, sr. conselheiro Teixeira de Souza, que poz á disposição o credito indispensavel.

Felizmente a mesma decidida boa vontade tem animado os ministros do reino, fazenda e obras publicas do gabinete presidido pelo sr. conselheiro José Luciano de Castro, e graças a ella temos concluida a Escola Medica, onde poderemos receber condignamente os congressistas.

Na verdade o edificio da nova Escola Medica ficou um dos mais grandiosos da capital, tendo, além da magestade da sua architectura externa, a illustra-o internamente a collaboração dos nossos melhores artistas, Velloso Salgado, Malhõa, Ramalho, João Vaz, Costa Motta, Collaço, etc.

A par d'estes esforços materiaes não se perdia tempo na preparação scientifica do congresso.

Urgia organizar os *comités* estrangeiros, as secções, escolher presidentes e secretarios responsaveis, fragmentar, emfim, para o tornar possivel e proveitoso, toda essa enormidade de trabalho, exigido pela a organização d'um certamen d'aquella natureza.

Não faltaram boas vontades, não deixaram de apparecer tambem os inevitaveis attrictos, nacionaes e estrangeiros, as susceptibilidades demasiado vibrateis, a questão sobre as linguas officiaes, a maior fragmentação do numero de secções, as deserções consequentes d'alguns, mas tudo vai affrontando e resolvendo dentro do possivel o *comité*, quantas vezes com



A Nova Escola Medica. — Um aspecto da sala dos actos

uma paciencia que só o bom desejo de evitar fracassos tem sustido inabalavel.

E a verdade é que se tem conseguido o que em outros congressos não se obteve: a maior facilidade e commodidade para os que accorrerem ao certamen.

E é de capital importancia a questão do alojamento, sobretudo em terras que não comportam nas suas habituaes accomodações a brusca chegada de alguns milhares de pessoas.

Depois, essas primeiras impressões de bem ou mal estar, de facilidade ou contrariedade, á chegada a terra extranha, quasi decidem do exito d'esses ajuntamentos, porque a boa ou má disposição se reflecte no proprio trabalho intellectual do congresso, não sendo raro que congressistas, ao primeiro aborrecimento de instalação, volvam logo pelo mesmo caminho, voltando costas á terra barbara.

E quando ficam por amor da sciencia, não é senão para se tornarem testemunhas fartamente documentadas da incultura do paiz que visitam, do qual se farão outros tantos elementos de descredito.

Não será assim felizmente, porque os cuidados havidos sobre tão melindroso ponto devem fructificar n'uma agradável e comoda hospitalidade.

A par d'isto eguaes facilidades e commodidades no que respeita aos trabalhos scientificos do congresso, havendo-se conseguido — medida que nem em todos os congressos foi possivel realizar — imprimir anticipadamente relatorios e communicações, por fórma a fazer conhecidos previamente os trabalhos apresentados, o que torna possivel uma discussão profunda e conscienciosa por parte dos congressistas.

Assim preparada a parte util do congresso, restava a execução da parte agradável, que sempre se proporciona em casos taes.

E não é sem justificação, porque é asado o ensejo de exhibir o que de melhor cada um possui aos olhos d'uma boa parte do mundo intellectual dos paizes estrangeiros.

O perigo está em exhibir mal, offerecendo aos olhos extranhos impressões desfavoraveis; se se pode impressionar bem, não é sem desproposito que umas centenas de espiritos illustrados levam aos seus paizes a narração do que viram de bom em arte e natureza.

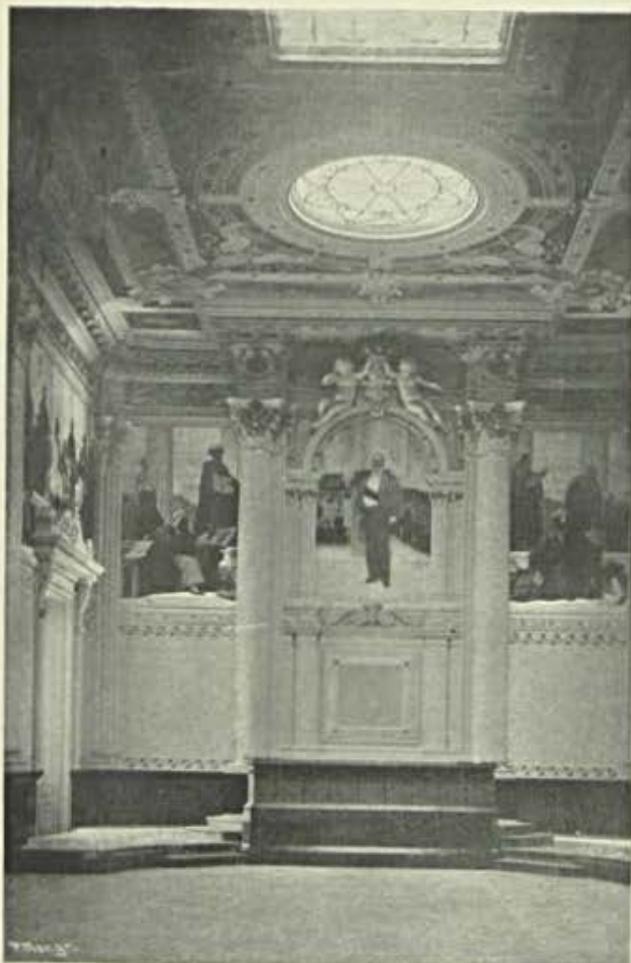
Que todos portanto cooperem n'este intuito patriótico.

Mas é de esperar que a nossa hospitalidade grave impressões fundas de bem estar e reconhecimento no coração dos nossos hospedes.



Dr. Clemente Pinto

Secretario do *comité* portuguez no congresso de medicina



A Nova Escola Medica. — Outro aspecto da sala dos actos

Desde Suas Magestades, que bizarramente se associaram ao movimento, honrando o congresso com a sua presidencia e animando-o com a sua cooperação, corporações officiaes e simples particulares se empenham em que resulte condigna a recepção aos que nos honram com a sua visita.

Como melhor prova não pode offerecer-se outra que não seja a de lembrar que uma comissão de senhoras se organisou para no salão do theatro de D. Maria dar *rendez-vous* ás senhoras estrangeiras, que n'aquellas encontrarão os mais amaveis *ciceroni*.

E' requinte de gentileza que muito apreciarão as nossas hospedes, que talvez em nenhum ou outro paiz tenham tido a esperal-as tanto carinho e tanta effusão.

Está portanto assegurado, sob todos os multiplos pontos de vista, por que se deve encarar um certamen d'esta ordem, o exito do XV congresso internacional de medicina, que para honra nossa se reunirá em Lisboa de 19 a 23 de abril proximo.

Que todos concorram para o seu brilhantismo, é appello, não restricto apenas ao interesse particular d'uma classe, mas que a todos importa fazer, porque o exito do congresso não se reduz ao desvanecimento dos medicos que o organisaram, mas redunda em interesse nacional.

E tanto que já outros paizes se envolvem em porfia accessa para chamarem a si a reunião do XVI congresso internacional, entre os quaes o Japão, esse admiravel paiz oriental, que, tendo dado o mais extraordinario exemplo de apprehensão rapida da civilização dos paizes mais cultos, arde em ancioso desejo de mostrar ao mundo o que é e o que vale.

E oxalá que o optimismo do meu horoscopo não seja maculado por alguma cruel desillusão.

Mas creio bem que não será.

CLEMENTE PINTO.

Alfredo Mesquita e os escriptores alegres

Alfredo Mesquita assentou praça, jurou bandeiras e entrou em linha na pequenissima phalange dos escriptores alegres. Entre nós, o escriptor é, em regra, pesado como uma carraspana de cerveja, triste como um mandado de captura, insipido como uma quarta-feira de cinzas ou rhetorico de mau gosto como a parolagem rotunda dos chafariqueiros politicos. Manifesta, frequentemente, uma pronunciada tendencia para a maçadoria, um natural pen-dor para a estopada. Mas Alfredo Mesquita não é dos

taes. Pertence á familia intellectual de Julio Cesar Machado, Manuel Roussado, D. Thomas de Mello, Guilherme de Azevedo e Gervasio Lobato, esses plumigeros que possuem a delicada arte da expressão cariciosa e a requintada sciencia de saber propinar a embriaguez superficial do espirito ao publico — o tyranno sublime e vulgar.

Julio Cesar Machado, o bom Julio, foi sempre alegre como um carnaval, com as suas mascaras, as suas guitarras e os seus pandeiros. A sua jovialidade fervia como o Champagne, que mistura a prata da sua espuma ás rosas que corosm a taça. Possuia a arte da cavaqueira espirituosa, essa arte que foi o supremo dom de Madame Récamier e o mais nitente florão da corôa franceza. Poderia ter pisado os tapizes do salão de Madame Rolland, a Egeria dos girondinos, no qual se aggremiava a brilhante Gironde, uma pleiade de tribunos a que só faltou o sol e a liberdade da Attica para se transmutarem n'outros tantos Demosthenes. E porque sabia que o publico se assemelha a Méricmé, que, na historia, apenas gostava das aneddotas, elle primava em contar a anedota, temperando a com um sal tão portuguez, que não ha ahí coisa que mais diga. Oçamol-o n'esta, que vem mesmo ao pintar:

Um taful, entrando n'um *restaurant*, perguntou com grandes ares:

— Quantas qualidades de sopa?

O creado, envergonhado, foi consultar o patrão, que estava na cozinha.

— Que temos?

— Patrão, do que se trata não é do que temos, é do que não temos. Está alli um freguez...

— Como é o freguez?

— Muito limpo. Não lhe quiz dizer que ha uma sopa só...

— Eu lá vou...

O freguez, tão magnifico que tinha até um collete de pellucia, estava á janella, mirando a rua.

— Pergunta V. Ex.^a aos creados quantas qualidades de sopa ha. Chega V. Ex.^a um pouco tarde. V. Ex.^a chega tambem, de algum modo, um pouco cedo. Isto é, tinhamos ahí umas dezenove sopas, mas acabaram se, e vamos ter umas vinte e tantas, porém ainda não estão promptas.

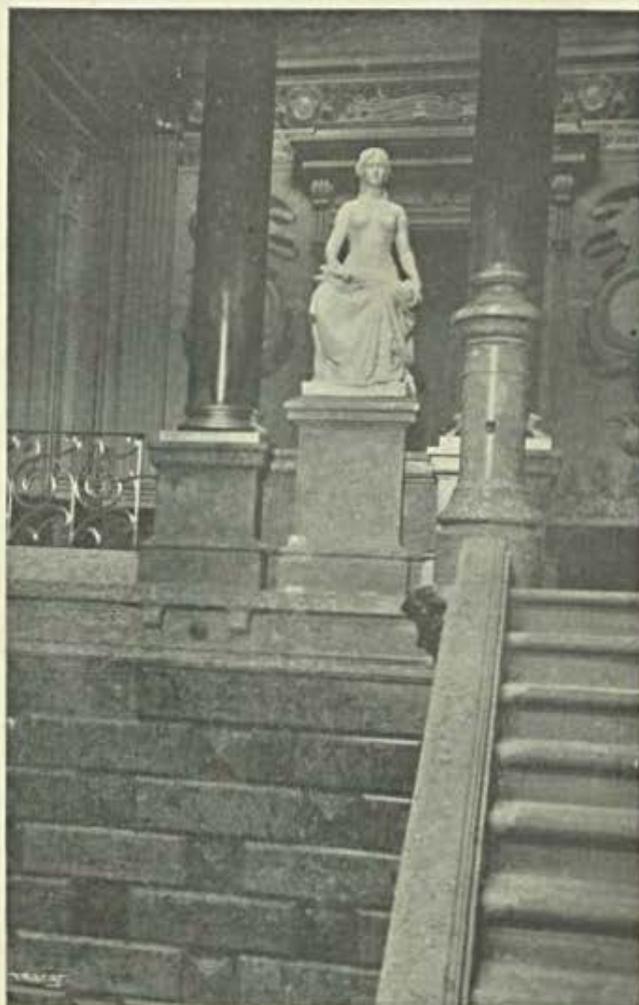
— Vinte e tantas!... Tambem ha de ter arroz de papagaio?

— E' uma das que estão ao lume.

O freguez pendurou o chapéu n'um cabide, poz a bengala a um canto, pegou n'um jornal e sentou-se.

— Espero! disse.

O dono da casa de pasto mudou para livido, mas, por ser intre-



A Nova Escola Medica — Escadaria que conduz á sala dos actos

pido, cumprimentou, virou costas, chegou á cozinha e, dando dinheiro a um moço:

— Vae comprar um papagaio!
Vem o papagaio, mata-se o papagaio, depenna-se o papagaio, põe-se o papagaio em pouca agua e bom lume. Meia hora depois está cosido: zás, trás, caldo para um tacho; o caldo a ferver, o ar-



Dr. Ricardo Jorge

Presidente da 14.^a secção no congresso de medicina
(Hygiene e epidemiologia)

roz para dentro, sem outros temperos senão uma lasca de bom presunto, duas cenouras, um pouco de aipo.

Feito isto, esfrega o patrão as mãos, de contente que se acha, ri á socapa e diz ao creado:

— Pergunta-lhe lá se quer jantar?
— Em V. Ex.^a querendo que sirva? diz o creado.
— Sim, traga peixe cosido, costeletas com molho de cogumelos, e perdigoto.

O patrão escutava lá de dentro.
— Sempre ha de querer o arroz de papagaio?
O freguez com indiferença:

— Sim, pois sim; traga . . . trinta réis d'elle!

Manuel Roussado andou sempre muito fóra do trilho dos plunitivos indigenas e foi um dos mais espirituosos escriptores, que a divina rosa do sol cobriu n'esta nésga da esphera terraquea. O seu espirito flammejava como uma puncheira incendiada, communicava a embriaguez doce e alegre de um xarope de ether.

Do Roberto ou a dominação dos agiotas ao Entre estrangeiros, passando pelos folhetins do *Diario Popular*, que profusão de bellos ditos folhetinaes, que variedade de aneddotas salgadas! . . . Lá vae uma das suas, que vem a ponto:

*Aqui, em Lisboa, os taberneiros, conhecendo os preceitos da boa sociedade, e, ao mesmo tempo, a tendencia dos mortaes para o summo delicioso, annunciam os seus estabelecimentos por este teor: *Novo retiro*.

A palavra *retiro* tem aqui um valor philosophico, que o folhetim não pôde deixar sem commemoração. Offereço-z á meditação dos meus loitores.

Entre os milhares de individuos que frequentam todas as tardes esses *retiros*, com a gravidade com que se visitam as igrejas, conta-se de dois amigos que combinaram ouvir um sermão na igreja dos Martyres, ás quatro horas da tarde. A essa hora já os dois lá estavam, de pé, a pouca distancia da porta principal.

Diz um para o outro:
— Manuel, o prégador demora-se.
— Já são mais de quatro . . .
— Tenho as guellas seccas.
— E eu? As minhas parecem uma lixa.
— Vamos nós beber *meio*?
— Está dito.
Sahiram, beberam e entraram dez minutos depois.
— O' Manuel.
— O quê?
— O sermão demora-se.

— Já é de mais . . .
— Vamos nós beber *meio*?
— Teremos tempo?
— Não vêes que ainda não ha signaes de prégador?
— Então, vamos.
D'esta vez não se demoraram cinco minutos.
— Manuel, ficamos sem sermão.
— Qual ficamos! Lá se estão accendendo as luzes.
— Pois sim Mas ainda tinhamos tempo de beber outro *meio*.
— Agora não, d'aqui não saio.
— Não sei se fazes bem . . .
— Lá vem o padre.

O prégador sobe ao pulpito e as suas primeiras palavras são estas:

— Fé, Esperança e Caridade. Só tres meios nos podem salvar! O amigo aperta o braço do companheiro e diz lhe ao ouvido:

— Não ouves? Por tua causa não nos salvamos . . .

D. Thomaz de Mello tálhara um logar á parte nas letras. Pintava com alacridade e exactidão, a vida lisboeta dos dois ultimos quartéis do seculo findo, manejava igualmente a graça enluvada e a graça chula, e fazia historia aneddotica com graciosidade, leveza e certa veia sarcastica. Em seguida, publicamos um trecho de uma chronica d'esse bohemio impenitente, em que conta uma visita de Urbano de Castro, outro escriptor de finissimo espirito, que tambem já dorme nos braços da Morte: *Mas como passas tu a vida, em que te entretens? indagou Urbano, affagando ao mesmo tempo uma gatinha, que passa os dias a meu lado.

— Espero, sentado á minha carteira, que os dramaturgos e os romancistas terminem os seus trabalhos para os annunciar por meio de cartazes (1). Quando dão entrada no meu escriptorio os fructos opimos do seu talento, formo o meu pessoal, e, perillados, graves, conscios dos seus deveres, escada ao hombro e broxa em riste, seguem á voz de *marche*, vão atacando as esquinas e os nembos dos edificios, e estampam na cantaria esses nomes, que a boa farinha usada no meu estabelecimento torna perduraveis até ao grande dia da sua grande apothose. Quando não apparece trabalho algum, abro as janellas, deixo entrar o sol a plenos jorros e, inundado de luz e calor, estendo-me no sophá e divirto-me, como Domiciano, vendo a sgonia das moscas debatendo-se nas teias de aranha, que encortinam as bandeiras d'estas portas eternamente abertas para ti, meu inolvidavel amigo.

— E escreves ainda?
— Não escrevo, nem leio, a não ser Montépin, vertido em portuguez, para não esquecer de todo a boa linguagem, que em novo saboreei no meu padre Antonio Vieira. E' verdade, tu que podes tanto, porque me não arranhas pelo governo uma collocação qualquer? Penso ás vezes n'isso, visando a reforma. D'aqui a 25 ou 30 annos, com o ordenado e algumas economias que terei feito, logra-



Dr. Alfredo Luiz Lopes

Thesoureiro do «comité» portuguez no congresso de medicina

ria uma velhice descansada. Compraria um terreno no Monte de Caparica, perto do Bulhão Pato, e viveria uma existencia tranquilla, ora armando aos passaritos por essas devezas floridas, ora descendo ao rio para pescar á canna. Pensa n'isso, e agora, amigo, outro pedido, é um capricho de velho e de doente: morro-me de saudades pelos dias passados, e gosto de acirrar as feridas que me produzem essas recordações. Transporta-me ao passado na musica

da tua voz. Recita-me aquella linda poesia, *A sua janella!* Deixa-me cerrar estes olhos, que tanta coisa feia teem visto pelo mundo e que tantas vezes teem chorado por corações que julguei meus! Principia, amigo. Julgo-me aquecido pelo sol da mocidade. Oh! abre te janella!

Com essa voz doce e musical, serena como um acalento de



Dr. Thomaz de Mello Breyner
Secretario da 8.ª secção no congresso de medicina
(*Dermatologia e siphiligraphia*)

mãe, ouvi-lhe ainda, pela centesima vez, aquelles deliciosos versos, e depois outros, e em seguida a *Rosa Vermelha* . . .

— E agora, disse-me o Urbano, tentando desentristecer-me, lá vae esta quadra, e, com ella, *passo-me*:

*Morreram, são dois defunctos
Esses amores desgraçados,
Outr'ora, eram dois juntos,
Agora, dois separados.*

Já viram melhor? Para os profanos, a quadra é deliciosa: para quem frequentou o Penim, é sublime! E não poder engulir quatro



Dr. Antonio de Azevedo
Secretario do «comité» portuguez no congresso de medicina

juntos á saude d'este Urbano, o funcionario honesto, o jornalista vigoroso, o talentoso poeta e o bom e sempre fiel amigo!

O encanto vencedor das chronicas de Guilherme de Azevedo recordava o dos antepassados da chronica parisiense, os que jantavam com Teophilo Gautier em casa de Madame de Paiva, a irmã de Imperia e de Cora Pearl, a esplendida cortezá que se dotava

com a arte inexplicavel de banhar a neve perfumada do seu corpo de slava nas ondas douradas de um Pactolo de libras esterlinas. E a graça de Gervasio Lobato, em que o espirito gaulez se germanava á graça de entremezista, tinha a linha caricatural que fazia deitar as cãs fóra aos leitores ou aos auditores das suas obras.

Alfredo Mesquita, que possui a viva e picantissima essencia de um talento original, não procede litterariamente de ninguem e podia, por consequente, dizer com Musset:— *Mon verre n'est pas grand, mais je bois dans mon verre*. A sua penna tem uma jovialidade cordial, uma elegancia saltitante e docemente ironica. O seu estylo é leveiro como uma pluma ao vento, brilhante como uns olhos de sevilhana radiando por detraz de uma mascara de setim perola, casquilho como um adocicado petimètre da Regencia e equilibrado como uma delicadissima balança n'um laboratorio chimico. Cada um dos livros de Alfredo Mesquita é uma longa gargalhada dividida em capitulos. Elle, que até aqui publicara apenas livros de viagens e de contos faceis, enveredou por um novo caminho e escreveu um romance palpitante de interesse: *A Rua do Ouro*. "Vi o meu seculo e escrevi romances," disse um escriptor celebre.

Alfredo Mesquita faz o mesmo e dá-nos, com a sua nova producção, o mais vivaz, o mais animado e o mais actual dos cinematographos da *Lisbia amada*. Apresenta-nos typos de primeirissima, corta carapuças que assentam como se fossem manufacturadas no Roxo. Mediante a lettra redonda, faz-nos travar conhecimento com figuras curiosas, copiadas *d'après nature*: o famoso Martiniano, um passaro bisnau de bico amarello; o Padre Eterno, um director geral muito versado na pouca-vergonha dos concursos arranjados para inglez vêr; o jornalista Meleças, moldado sobre outros jornalistas de cara estanhada, muito nossos conhecidos, e que alugam



Dr. Annibal Bettencourt
Secretario da 3.ª secção no congresso de medicina
(*bacterologia e anatomia pathologica*)

a penna em troca do prêt governamental; a D. Claudia, renitente propagandista dos direitos femininos; e a loira amante do conde da L., que nós, ha trinta annos, encontravamos quasi disriamente no Passeio Publico e que ainda hoje se conserva tão loira, tão joven e tão pintada como nos ditosos tempos em que applaudiamos, com enthusiasmo, o baile americano das lindas transatlanticas no palco dos Recreios, riamos perdidamente com o Pierrantoni no circo de Price, deliravamos com as garotas petulancias da Preziosi na *Perichole*, patuscavamos em pagodes taludos no Theotonio da calçada de Carriche, tomavamos o nosso café no *Central* do Chiado e batiamos para o Campo de Sant'Anna nas tipoiás do *Gradil*, do *Pingalho* ou do *Anão*, em ruidosas tardes de toiros . . .

N'a *Rua do Ouro*, Alfredo Mesquita traça-nos descripções, que valem poemas. Tal é a descripção da nossa vida politica, com toda a sua rhetorica balôfa e toda a intrigalhada mesquinha das antecameras ministeriaes, muito parecida com a intriga de chichêlo, entre bandalheiras, nos lupanares macarenos do Beirro-Alto; tal é a descripção do hotel Borges, com os seus brasileiros, os seus deputados provincianos e as suas promiscuidades antipathicas da meza-redonda; tal é a descripção da sociedade de *parvenus*, que entraram, por mal de nossos peccados, a remodelar a vida elegante da vetusta cidade de Ulysses, e a fazer a chuva e o bom tempo nas altas regiões do *high-life*.

Reproduziremos aqui um trecho, arrancado, ao acaso, do novo

romance *A Rua do Ouro*, a fim de darmos uma idéa, embora longiqua, do livro de Alfredo Mesquita:

«O meu visinho do quarto, dizendo isto e meneando a cabeça calva, reluzente, fazia um gesto de propheta, entendido e profundo, que, por um instante, annuviou a clara esperanza, em que eu vinha, de chegar ainda a tempo para alguma coisa de bom em beneficio da patria. Um resto de café, no fundo da chavena, que distrahadamente levei aos labios, deu-me, n'esse momento, o amargo da duvida. Cuspinei, repontei com o Poças:

— Mas o que pensa Vossa Excellencia do futuro?

— O Futuro, com *F* grande, a Deus pertence. O outro, o nosso, com *f* pequeno, pertence aos estrangeiros. E' uma questão de tempo, de pouco tempo. Podemos dizer até que já tudo isto é d'elles. O trigo é americano; a manteiga é ingleza; a cerveja é allemã; o queijo é flamengo; a mulher é hespanhola; o bacalhau é noruegues . . . O gallego, até o gallego, o proprio gallego — é gallego! O porto de Lisboa é do Hersent; os caminhos de ferro, do Kergall; a Africa, do Cecil Rhodes; a opera, do José Paccini. . . A unica coisa verdadeiramente portugueza, que ainda temos, é — a Divida Externa!

Elle dizia estas coisas serenamente, convictamente, mas resignadamente, sob um grande peso de infortunio, como quem aceita e se conforma com alguma tremenda determinação fatidica.

Tinha de ser. Deixal-o ser!

Eu olhava-o, como se olhasse uma esphinge, e ouvia-o, todo ouvido, como se a sua palavra fôsse um evangelho.

O que, sobretudo, me surprehendia n'esse Poças, era o contraste entre o seu devastador pessimismo de hospede do Borges, irritado de visceras pela cozinha picante do Hotel, e o seu contemporizador optimismo de homem publico, estimado de todos os Governos, cultivando jacinthos n'um caixote, alimentando um namoro de janella e sabendo de cór as coplas do *Boccacio*. Não o percebi logo; levei algum tempo para o perceber; mas vim a percebê-lo.

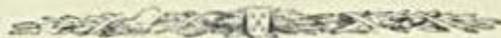
Poças não era só um grande magico, como logo supuz n'esse dia, enquanto durou a conversa que entre nós se seguiu e se prolongou, após esse primeiro almoço.

Não era só um grande ratão, como depois o julguei, quando elle apparecia na Camara antes de mais ninguem, e da Camara sahia no fim de todos, para não perder uma palavra só de um só discurso, não se fiando nos extractos levianos dos jornaes, e menos ainda no texto official do *Diario das Camaras*. . . Poças era bem mais que um typo: Poças era um symbolo!

A Rua do Ouro não pertence áquella especie litteraria de que Taine fala no seu livro *Do Ideal na Arte*, isto é, áquella litteratura da moda, cujas obras nascem e morrem com as folhas do anno. Tem de ficar como um documento elucidativo da nossa época e da sociedade contemporanea. Dizia o orador romano, que a gloria do homem de lettras consistia, sobretudo, em escrever obras uteis e dignas de leitura. O novo livro de Alfredo Mesquita satisfaz a estes requisitos. E' nossa convicção.

FINTO DE CARVALHO (*Tinop*).

(1) Como todos sabem, D. Thomaz de Mello tinha uma agencia para col-
locação de cartazes annunciadores.



A minha filha

*Estão longe as estrellas,
e estando d'istantes,
nos todos os venos,
brilhantes... brilhantes...*

*Assim os teus olhos,
ausentes, d'istantes,
em eston sempre a ver,
brilhantes... brilhantes...*

*Porque é que os teus olhos,
oh querida Maria,
de mim não se apartam,
nem noite, nem dia?*

*E' que quem os ver,
não pode esquecer-os,
e sente prazer
em estar sempre a vel-os,*

*E o meu pensamento,
que vê os teus olhos,
esquece os desgostos,
da vida os abrochos.*

*Em tu me fiando,
oh minha Maria,
não tenho pesares,
só sinto alegria.*

*E esqueço a dor forte,
olhando-te assim,
nem sinto a morte,
se olhas para mim.*

3 de fevereiro de 1906.

Thomaz Mascarenhas.



O Carnaval no Porto



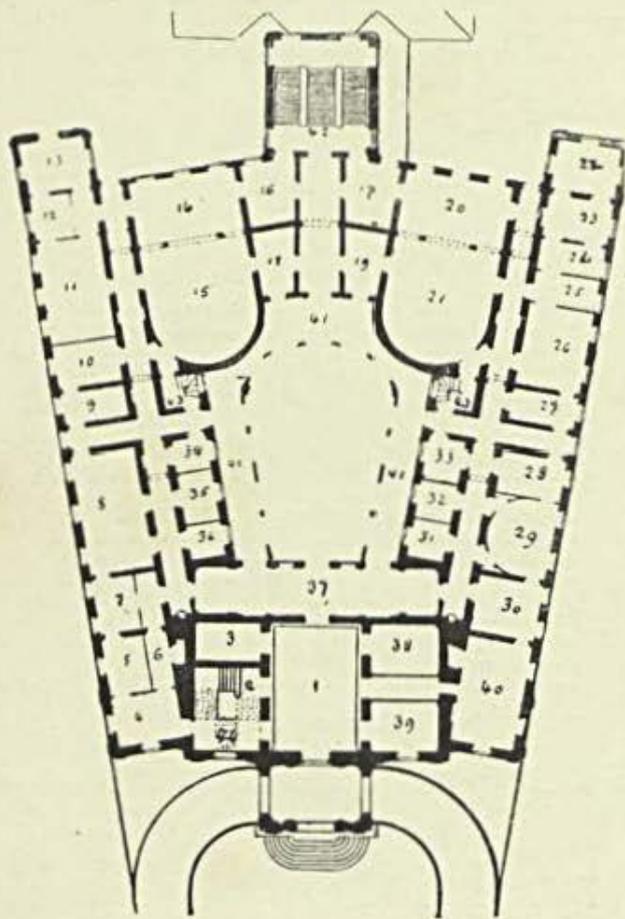
Photog. Guedes. — Porto

Commissão do club dos GIRONDINOS

1.º plano. — Da esquerda para a direita: Manuel Ribeiro Borges, José de Vasconcellos, Manuel Adelino Pinto Braga e Alberto Vieira da Cruz
2.º plano. — Idem: Olympio Freitas Vaz, dr. Manuel Monterroso, José d'Oliveira Guimarães e Jayme Mauricio Moreira

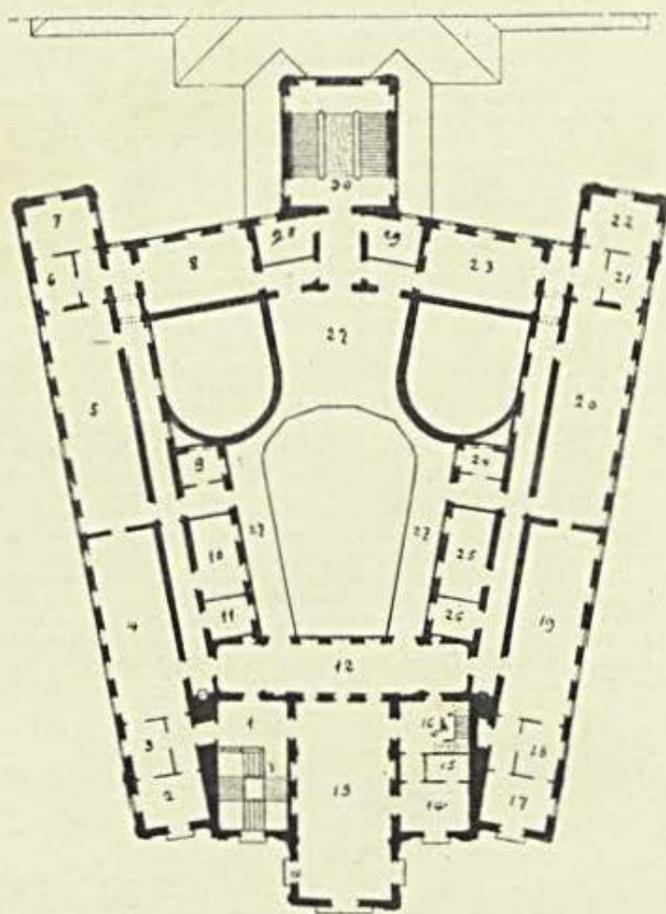
A Nova Escola Medica

Planta do rez do chão



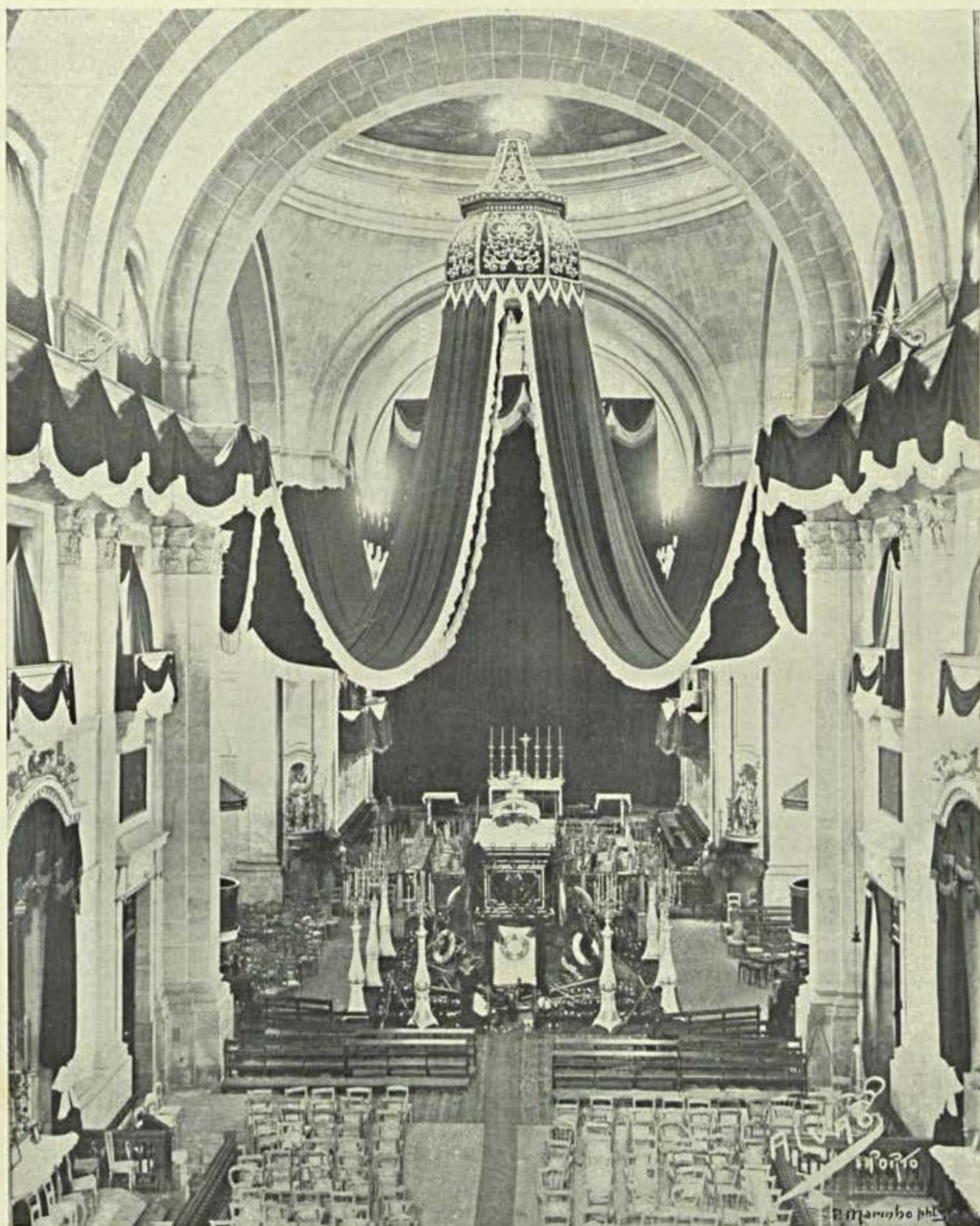
- 1 — Vestibulo (venda de jornaes, tabaco, etc.).
- 2 — Escada principal para o 1.º andar.
- 4 — Gabinete do presidente, do secretario geral e do thesoureiro geral do congresso.
- 5 — Ante-camara.
- 6 — Passagem reservada.
- 7 — Reclamações.
- 8 — Secretariado geral.
- 9 — Archivos
- 10 — Telephone.
- 11 — Salão da Imprensa.
- 12 — Dactylographos.
- 13 — Escriptorio de viagens.
- 14 — Sala de demonstrações
- 15 — Amphitheatro para as projecções.
- 16-17 — W. C.
- 20 — Secção XII b — Stomatologia.
- 21 — Secção XI — Ophthalmologia.
- 22-23 — Secção II — Physiologia.
- 25-26 — Secção XIV — Hygiene.
- 27 — Escriptorio de hospedagens.
- 28-29 — Secção I — Anatomia.
- 30 — Contabilidade.
- 37 — Corredor.
- 38 — Vestiario.
- 39 — Correio e telegrapho
- 40 — Caixa (inscripção durante o Congresso, e cambios).
- 41 — Galeria aberta (*guichets* para a distribuição das insignias, etc.)
- 42 — Escada para o 1.º andar e para o annexo.
- 43 — Escadas para o primeiro andar.

Planta do 1.º andar



- 1 — Escada principal.
- 2-3 — Salas reservadas para as senhoras.
- 4 — Secção VIII — Dermatologia.
- 5 — Secção VII — Neurologia, etc.
- 7 — Secção VI-A — Pediatria (Medicina).
- 8 — Secção VI-B — Pediatria (Cirurgia).
- 9 — Escada para o rez do chão.
- 10 — Secção XVI — Medicina legal.
- 12 — Corredor.
- 13 — Sala dos congressistas (leitura, escriptorio, conversa).
- 16 — Guichet das senhoras (porta abrindo para o 12).
- 17-18 — Secção X — Medicina e cirurgia das vias urinares.
- 19 — Secção IX — Cirurgia.
- 20 — Secção XIII — Obstetricia.
- 21-22 — Secção XII C — Otoologia.
- 23 — Secção XII-A — Rhino-L. ryngologia.
- 24 — Escada para o rez do chão.
- 25 — Secção XV — Medicina militar.
- 27 — Terraço (buffete, passeio).
- 28-29 — W. C.
- 30 — Escada para o rez do chão e annexo.

A catastrophe do "Aquidaban"



No Porto. — A igreja da Ordem Terceira da SS. Trindade, por ocasião das exequias mandadas celebrar em 21 de janeiro, pela comissão, que era composta dos srs. dr. Joaquim Arantes Pereira, Antonio Rigaud Nogueira e José Luiz Ferreira Fontes

NO FUNCHAL

O Lazareto e os Sanatorios

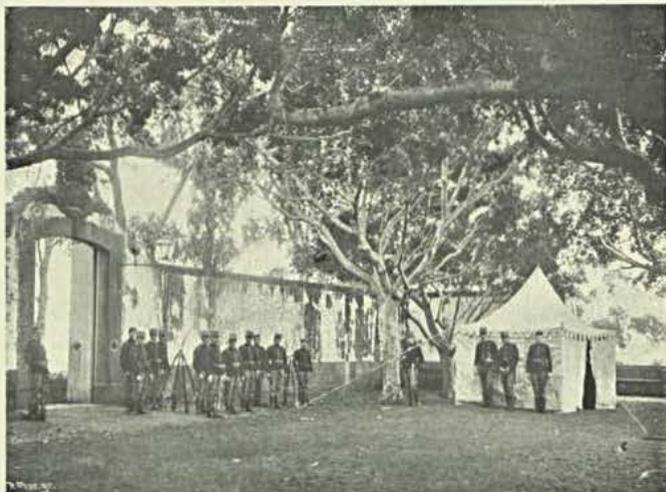
Dois acontecimentos importantes tem tido ultimamente presa a atenção publica d'essa formosa ilha da Madeira que é uma das joias mais valiosas de Portugal. Um d'elles vai felizmente para seu termo — a agitação produzida por certas medidas prophylacticas que alguns medicos



entenderam dever tomar, em vista de um ou outro caso de molestia suspeita. O outro é o conflicto entre o governo allemão e o portuguez, a proposito da expropriação de uma quinta necessaria ao estabelecimento do Sanatorio. A ambos temos de nos referir aqui para o leitor do *Brasil-Portugal* comprehender o que são as gravuras d'esta pagina.

As primeiras dizem respeito ao lazareto organizado no Funchal quando se deram os primeiros casos da molestia, que alguns diagnosticaram de peste bubonica, que outros teimaram não ser e que levantou entre os habitantes grande agitação, a ponto de uma massa compacta de gente excitada, sem talvez saber porque, invadir o lazareto, praticando os mais extraordinarios actos de vandalismo. Claro está que a politica longe de se aliear do caso, antes o provocou. Na ultima gravura, damos os terrenos destinados ao Sanatorio que uma empresa allemã, por concessão do governo portuguez, vai estabelecer no Funchal, terrenos que segundo a lei votada em côrtes para a concessão, o governo devia expropriar. Deu-se o caso, porém, que, não tendo chegado a accordo o proprietario de

um d'esses terrenos, que é inglez, e a empresa concessionaria esta reclamou a expropriação. Ao mesmo tempo, o proprietario recorreu para o governo inglez, a chancellaria do *Foreign Office* interveiu, por seu lado, a empresa concessionaria agarrou-se ao governo allemão, e o ministerio dos negocios estrangeiros encontrou-se de repente com um conflicto aberto com duas nações. Em vez de se procurar habilmente uma solução ariosa, foi se adianço o caso, sob varios pretextos, sendo um d'elles a impossibilidade de o Presidente do Conselho, por doença, receber o representante da Alemanha quando este o procurou, e o resultado foi a entrega de uma nota do governo allemão insistindo por uma



Porta de entrada do Lazareto de Gonçalo Ayres

Aspecto no dia 8 de janeiro. — Tenda do commandante da guarda



Quinta BIANCHI

Quinta PAVÃO

A quinta Bianchi e a Vigia pertencem á Companhia dos Sanatorios. — A quinta Pavão está em litigação

Politica internacional

A noticia de sensação d'esta quinzena é a queda do governo francez. Ha algum tempo que esta queda estava prevista, desde a desorganisação do *bloco* das esquerdas que apoiára os ministerios precedentes e ainda o proprio sr. Rouvier nos primeiros tempos da sua administração.

Por duas ou tres vezes fora o golpe evitado. D'esta vez, porém, o presidente do conselho viu-se desamparado de parte dos seus amigos, que, reunidos ás direitas, lhe deram batalha na questão dos inventarios, derrotando-o.

O gabinete Rouvier, se não sae no meio de grandes odios, está longe tambem de deixar saudades á democracia franceza. Tanto na politica interior como na exterior errou o caminho. Sem entusiasmo algum pela lei da separação, que sob o ministerio do sr. Combes diligenciou enterrar, foi obrigado a inscrever-a no programma ministerial perante a attitude da camara. Mas não de má vontade a defendeu, e só tibamente applicou. De forma que, sem conseguir agradar aos clericaes, como era natural, descontentou profundamente a parte mais radical do partido republicano. Desde então, e embora a isso se tivessem limitado os erros que commetteu, a sua sorte estava decidida. Entre conservadores e avançados, havia de cair diante de uma coligação de ambos. Foi o que aconteceu.

Mas o maior erro do ministerio Rouvier foi na politica externa. Esse é o que principalmente a historia nunca lhe perdoará. Obedecendo a um sentimento de panico proprio de qualquer estadista, ou então procedendo em virtude de menos nobres motivos ainda, o sr. Rouvier expulsou do ministerio o sr. Delcassé a proposito da questão de Marrocos, sacrificando com inrivel falta de patriotismo e com manifesta carencia de tacto diplomatico o ministro dos negocios estrangeiros, exactamente na occasião em que toda a França o devia sustentar contra as arremetidas da Alemanha l'ara cohestrar este procedimento brutal e

resposta do ministro dos negocios estrangeiros. Só então é que se encetaram as negociações entre as duas chancellarias para se procurar uma solução ao caso, dizendo-se agora que a empresa concessionaria desiste de parte d'esse terreno — ao qual o governo portuguez se arreceiou de applicar a lei de expropriações — mediante uma certa somma que se diz ser de cincoenta contos.

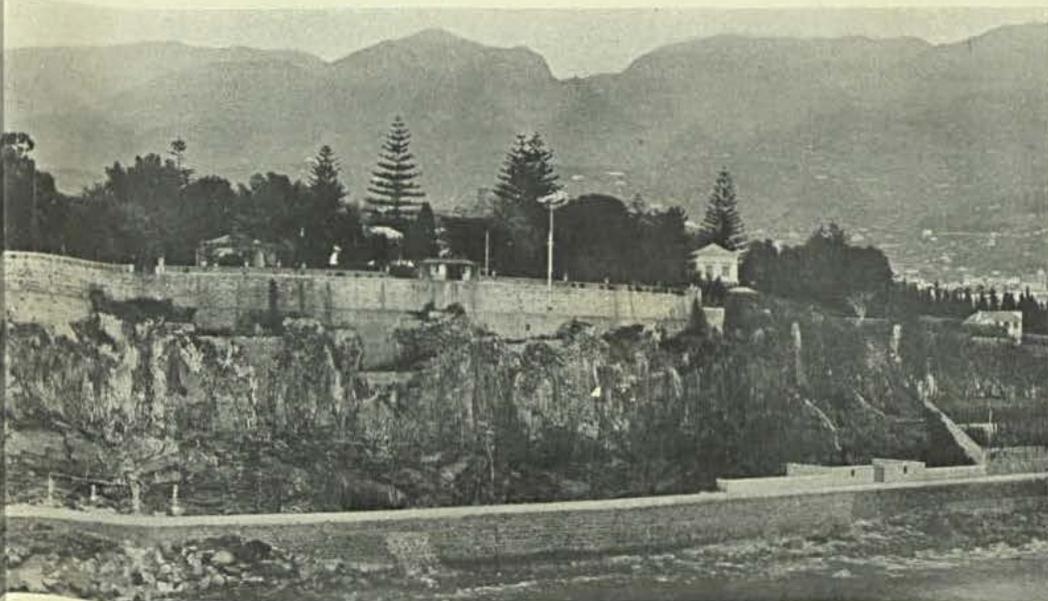
Estas duas rapidas explicações eram necessarias para se perceber a que veem as gravuras d'esta pagina.

Sojeitar a liberdade da imprensa é diminuir a elevação de um povo.



O Lazareto

Da esquerda para a direita: Zona de observação, zona suja, zona de refugio



Quinta VIGIA

Todas ellas pertencem á zona expropriavel para a construcção de sanatorios maritimos e de hotéis

anti-francez inventou ou pelo menos exaggerou os perigos de uma invasão alemã, que postos com tal sem cerimonia na bocca de um ministro da republica representavam o supremo vexame para a França.

Depois nas negociações, que se seguiram, viu-se bem a que ficavam reduzidos esses perigos, e o que se devia esperar da boa vontade da Allemanha que o sr. Rouvier julgára ou fingira julgar poder appacar com a demissão violenta dada ao sr. Delcassé. Ao cabo de diversas peripecias realisonou-se o pacto franco-alemão, que devia firmar o accordo das duas nações na questão marroquina, mas com geral surpresa e bem justificado desapontamento viu-se que na conferencia de Algeciras a Allemanha pouco caso fazia do que entre o sr. Rouvier e o principe de Radolin se tinha pactuado.

Pelo contrario evidenciou-se que na grave crise, que a França atravessava, o que lhe valia e a sustentava perante o imperio alemão eram exactamente as poderosas amizades que para ella o sr. Delcassé tinha conseguido e por causa das quaes este ministro tinha sido obrigado a demittir-se. Desde esse momento o valor do sr. Rouvier estava aquilutado como diplomata. Financeiro habilissimo e experimentado sem duvida, só ponde ser um pessimo ministro dos negocios estrangeiros. E' porque para gerir esta tão difficil pasta n'um paiz como a França, e na situação especial em que ella se encontra, não basta ter talento. Torna-se preciso sobretudo possuir o *savoir faire* e esse *charme*, que, á falta muitas vezes de raciocinio e de justificações, consegue triumphar das situações mais difficéis. Tanto um como outro faltavam ao sr. Rouvier.

Por todas estas considerações parece-nos que embora apparentemente o motivo da queda do ministerio francez fosse a questão dos inventarios, a causa verdadeira foi a politica externa do presidente do conselho, sobretudo a sua orientação nas negociações com a Allemanha a proposito de Marrocos.

Um episodio occorrido durante a estada de Eduardo VII em Paris poderá porventura esclarecer n'este ponto a situação. Como se sabe o soberano inglez convidou para um almoço intimo diversos homens politicos, entre os quaes o sr. Delcassé. Ora para esse almoço o sr. Rouvier não foi convidado. A preferéncia dada por Eduardo VII ao antigo ministro dos negocios estrangeiros, no actual momento, e dada a especialissima situação da Inglaterra para com a França, não podia deixar de ter feito profunda impressão nos circulos politicos e parlamentares francezes. Longe de nós affirmar que a votação da camara franceza foi provocada pelo acto do monarcha inglez. Mas não será temerario suppôr que esse acto ostensivo da Inglaterra, amiga leal e decidida da França, que com toda a firmeza a está sustentando na actual crise, não tenha concorrido para alienar á politica externa do sr. Rouvier alguns partidarios, os que exactamente lhe faltaram no parlamento para elle não ser batido. D'esta maneira teria tido condigno *pendant* o gesto do Kaiser, que deitou fóra do ministerio o sr. Delcassé.

Quem será o successor do governo caído? O telegrapho ainda nos não deu noticia da constituição definitiva do novo gabinete, se bem que já sejam conhecidos os traços geraes da combinação ministerial, que se prepara. Por razões especiaes de tactica parlamentar ou por outros quaequer motivos, nem o sr. Poincaré nem o sr. Bourgeois quizeram acceitar a presidencia do conselho. E' o sr. Sarrien quem, ao que parece, será n'ella investido. Mas o novo presidente do conselho conta, entre a de outros, com a collaboração do sr. Bourgeois e do sr. Clemenceau, respectivamente indicados para as pastas dos negocios estrangeiros e do interior.

A ir por diante esta combinação, e tudo indica que vae, os membros primaciaes do gabinete e as suas figuras mais importantes serão os dois citados estadistas. Qualquer d'elles é o bastante para definir uma situação, e póde estar-se seguro de que com elles a politica democratica, que a França reclama, terá plena satisfação. O sr. Bourgeois é talvez o politico mais sympathico que hoje conta o mundo parlamentar francez.

A sua historia é conhecida e o seu prestigio pessoal como diplomata habilissimo foi posto bem em relevo na conferencia de Haya, onde póde dizer-se adquiriu apenas chegada a posição preponderante, que tanto fez realçar o nome da França n'essa reunião. E' portanto o homem naturalmente indicado para se defrontar com os processos tortuosos da diplomacia alemã, o unico que no actual momento tem mais probabilidades de conseguir uma solução satisfactoria para os problemas que se debatem em Algeciras. Ha-de ter a malleabilidade sufficiente para não crear attrictos inuteis e contraproducentes, mas terá tambem a firmeza para impôr as ultimas resoluções da França e não se desviar da linha de conducta que a propria dignidade está indicando á republica.

Depois do sr. Bourgeois é o sr. Clemenceau o ministro que mais attrae a attenção e o que certamente melhor imprimirá caracter á nova situação. Individualidade de rija tempera, jornalista dos mais distinctos, orador dos mais prestigiosos, o sr. Clemenceau tem uma larga historia e uma folha de serviços como nenhum outro á causa da democracia. Em tempos, que já lá vão, chamavam-lhe o "tomba ministerios", pela impetuosidade dos seus ataques e pelo effeito infallivel dos seus golpes certos. Está ainda na memoria de todos a lucta parlamentar e jornalística que sustentou contra o ultimo ministerio Ferry. Depois da triste questão do Panamá, que tanta lama salpicou sobre os melhores nomes da França, o seu prestigio soffreu bastante, tendo-se elle proprio votado a um ostracismo politico, que parecia definitivo. Mas a questão Dreyfus teve o condão de novamente trazer á vida activa do jornalismo o grande lucta-

dor, que na *Aurore* iniciou essa campanha memoravel contra a colligação reaccionaria de Rennes.

Desde então a sua força moral tem-se robustecido sempre, e hoje não ha ninguem que não reconheça o ascendente da sua superioridade. Na pasta do interior será o homem necessario para fazer entrar na ordem a reacção, que, a proposito da execução dos inventarios, está perturbando o espirito publico, com o fim evidente de influir no resultado das proximas eleições. Ninguem como Clemenceau terá o pulso firme para fazer a justiça direita, que se torna indispensavel, e ninguem tambem como elle terá a auctoridade moral pelo seu passado intransigente para evitar conflictos inuteis e de mais seguros resultados.

Com taes elementos o ministerio, que o sr. Sarrien vae constituir, ha de deixar perduravel impressão na politica franceza, inaugurando de tórma auspiciosa a gerencia presidencial do sr. Fallières.

Quem não deve estar satisfeita com semelhante desfecho da crise é a direita da camara, que ajudou a derribar o ministerio Rouvier e que afinal vê surgir lhe pela frente o sr. Clemenceau, que é adversario bem mais para temer do que o presidente do conselho demissionario.

As crises hespanhola e hungara continuam no mesmo pé. Em Hespanha o ministerio Moret ainda não conseguiu arrancar ao parlamento o projecto das jurisdicções, que cada vez está levantando no paiz maior opposição. A crise ministerial está pois simplesmente addiada no paiz visinho, para rebentar na primeira occasião.

Na Hungria e depois da dissolução da camara dos deputados o barão de Fejerváry lançou-se no caminho das violencias, prohibindo as reuniões eleitoraes, attentando contra a liberdade da imprensa, dissolvendo as municipalidades, processando os funcionarios que lhe resistem, etc.

Apesar d'isso tudo indica que a colligação vencerá, e que o imperador terá por fim que submeter-se ou... demittir-se, isto é, abdicar.

CONSIGLIERI PEDROSO.



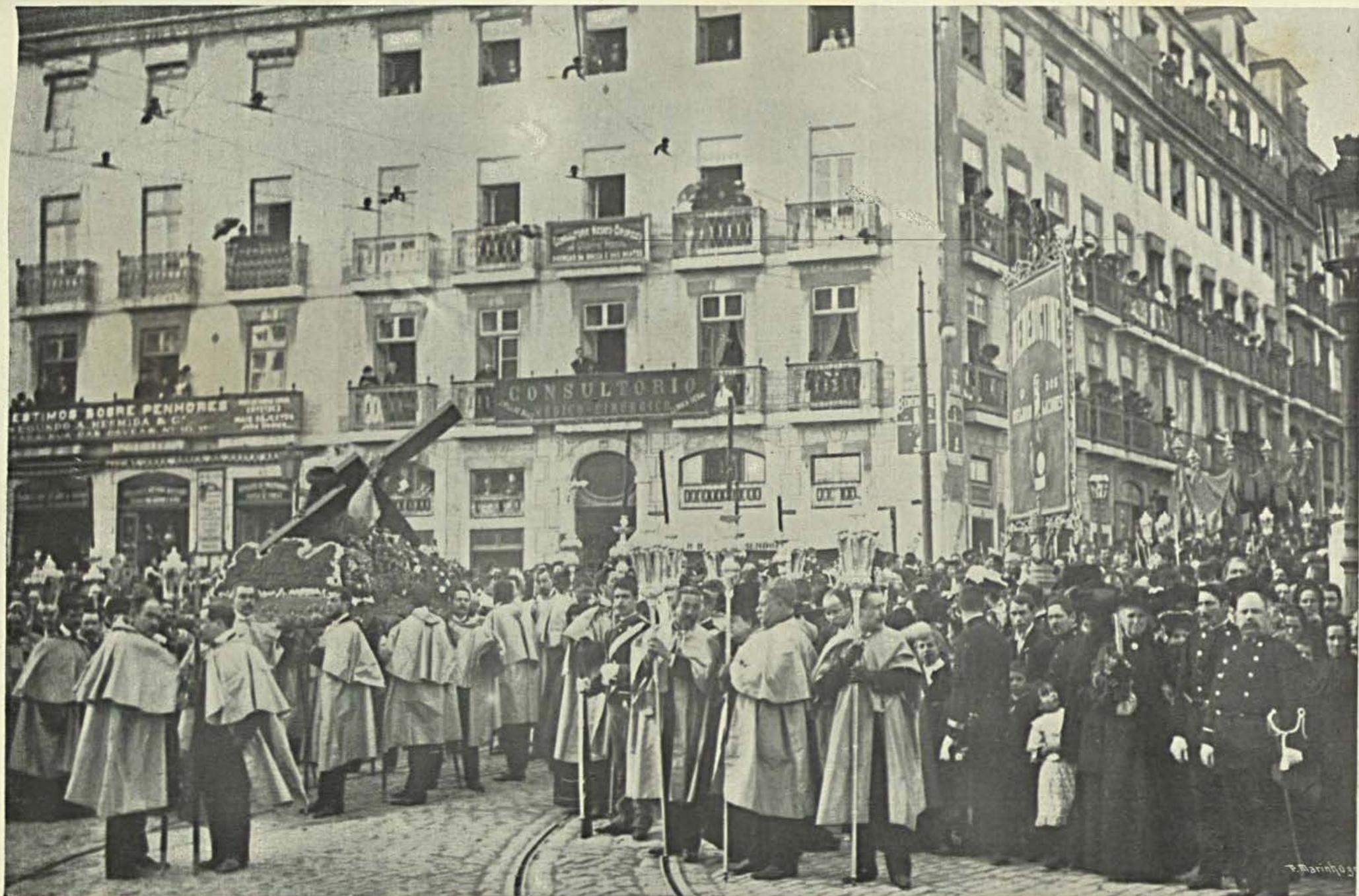
Dr. Luiz d'Almeida e Albuquerque

† em 3-3-96

E' de justiça que acompanhemos toda a imprensa e todo o paiz na imponente e unanime manifestação de pesar pela morte do decano do jornalismo e do professorado portuguez; e fazemo-lo com verdadeiro sentimento.

Liberal convicto, espirito altamente culto, professor emérito, jornalista de rija tempera, fundador do «Jornal do Commercio», um dos mais activos fomentadores da cidade de Lisboa quando vereador e presidente da camara, tendo exercido com proficiencia e brio altas funções publicas, sem mira no lucro e nas recompensas ostentosas, consagrado aos seus livros e á sua familia, em alegrias intimas que de certo concorreram para lhe prolongar a vida até aos 97 annos de idade, o dr. Luiz d'Almeida e Albuquerque é uma d'essas figuras de alto relevo social, cuja morte representa uma verdadeira perda para o paiz.

Paz á sua alma.



Procissão do Senhor dos Passos da Graça. — Da igreja de S. Roque para a da Graça. — Em 9-3-906. (Descendo a rua de S. Roque para o Chiado)



D. Maria, O filho Doutor. — **D. Amelia, Tim Tim por Tim Tim.** — **Rua dos Condes, A dobadoura.**
Rato, De risca ao lado. — **Avenida, A filha do Feiticeiro.** — **Trindade, Principe Real, Gymnasio, Colyseu dos Recreios**



Na decorrida quinzena theatral o auctor dramatico que mais occupou o palco de **D. Maria** foi Coelho de Carvalho. A sua peça **O Filho Doutor** e a versão da **Dolores** estiveram em foco, como se tivesse sido necessario por completo documentar as qualidades dramaticas do escriptor.

Bem conhecida é a **Dolores** para que voltemos a falar d'ella. Com relação á outra, os que apreciam o valor litterario ou theatral de uma peça pelo numero de representações que ella dê, suppo-la hão destituida de merito, porque viveu em scena pouco mais de que *vicem as rosas*.

Não é assim. É tanto que **O Filho Doutor** tem valor litterario e valor theatral. É perfeita a technica do 1.º acto, que revela ter o auctor pleno conhecimento do *métier*. A mão train-o no segundo, porque precipitou as scenas de uma maneira que pode considerar-se anti-theatral. O terceiro é sereno, placido, e corre-se n'os obstaculos nem *facilles*, mas quasi despidido de interesse.

O arrojio da these que o sr. Coelho de Carvalho pretendeu defender fez-lhe errar o golpe de vista. A Universidade não soffreu nem uma beliscadura na sua tradição e no seu methodo de ensino com a exhibição d'aquelle filho doutor. Um biltre *doublé* de um tarado, que vem para arrancar dinheiro ao pae aldeão, que faz deante d'elle objurgatorias contra a universidade, e no meio do seu furor epilectico começa a comer e a beber como um desalmado, tendo no dia em que chegára deixado a familia e consentido que fosse ridiculisada a ingenua rapariga que o ama, despresando-a tambem, para ir jantar com a brasileira, é uma figura de pathologia, que vinda da Universidade ou de qualquer outra parte, devia mostrar-se com as mesmas falhas e sob o mesmo aspecto doentio.

Se o fim da peça é combater a pretensão dos paes que querem para os filhos uma categoria social superior á d'elles, e provar que é natural o desequilibrio, quando trocam a sua classe por outra, não o consegue o auctor com os processos theatraes a que recorreu, nem seria possivel conseguil o porque viria destruir a democracia do nosso tempo, ou melhor a de todos os tempos, em que os filhos de paes humildes tem attingido ou os mais altos cargos do Estado ou glorias e triumphos que se reflectem nas nações a que pertencem.

Mas, se falhou n'este ponto o objectivo litterario do sr. Coelho de Carvalho, não são escassas no **Filho Doutor** as confirmações do seu talento. O dialogo é por vezes scintillante, ha eloquencia nas tirades iconoclastas do bacharel... *manqué*, que, sendo architectadas por outro bacharel, provam que a Universidade não é tão má... como a pintam. Aqui e ali surgem episodios e scenas de uma observação perfeita, e de uma delicadeza tocante, e se as personagens não conservam toda a mesma proporção de linhas, algumas ha, como a do campones, admiravelmente feita por Ignacio, e de Hellenita, a que Luz Velloso dá um encantador relevo.

Luiz Pinto no papel do filho doutor, Ferreira da Silva no do pae, Maia no prior, Augusta Cordeiro na brasileira, Falco na mãe do bacharel, puzeram todo o seu valor ao serviço d'esses papeis.

A razão por que a peça se não conservou mais tempo em scena digam-n'a... os sabios da escriptura.

Estamos em maré de Revistas. Quanto mais a policia insiste em as estragar e... purificar, mais ellas pullulam. A ultima que viu a luz... pela centessima vez, é o **Tim Tim**, o famoso **Tim Tim**, gloria e fortuna de empresarios, em Portugal e no Brasil.

Sousa Bastos, com aquella aptidão especial para o genero, de ha muito consagrada, lá lhe insuflou vida nova, lá lhe metteu sangue rubro nas veias, e ahí temos no **D. Amelia** o **Tim Tim** por **Tim Tim**, remoçado, agora alegre e folgasão, caustico d'ahi a pouco, sempre cheio de vivacidade e de espirito.

Todas as scenas novas introduzidas na Revista são de exito seguro e agradam incondicionalmente. Mesmo as da **Venus** apparecem sob uma nova fórma, por vezes tão fina e tão bem achada, como por exemplo a das americanas, desempenhada por creanças admiravelmente vestidas e bem postas, que o publico applaudiu com enthusiasmo.

Justo é confessar que os actuaes interpretes do **Tim-Tim**, Palmyra Bastos, Alfredo de Carvalho, Azevedo, Alves, Augusto Autunes, Gabriella Lucey, Etelvina Serra, Grijó, Raphael Marques, Senna, Josepha d'Oliveira e Pinheiro, deram tal brilho e encanto aos seus personagens, que para o exito alcançado muito contribuiu o desempenho.

O apparato com que está posta a Revista, a riqueza do scenario e do guarda-roupa, a profusão da luz electrica, e, finalmente, a belleza dos principaes numeros de musica, garantem longo tempo em scena á peça feliz de Sousa Bastos, que é de todos os originaes portuguezes o mais representado nos ultimos annos.

A dobadoura fez entrar em maré de rosas a **Rua dos Condes**. Tem-se contado as representações pelas enchentes. É que esta revista tem graça a valer, porque de valor são todos os elementos que a constituem. Firmam-n'a dois nomes illustres na litteratura theatral: Salvador Marques e Penha Coutinho: para ella escreveram e coordenaram musica Alfredo Mantua, Rio de Carvalho e Wenceslau Pinto, e os seus papeis principaes desempenham-n'os Roque, Emilia d'Oliveira, Julia Anjos, Salvador, Rebocho, etc.

É em toda a linha o exito, e justissimo, porque, por todos os tres actos de **A dobadoura** esfusiu a graça. Entre as alluções transparentes figura a do grupo dos forçados, que é um achado feliz, uma bella e mascarada allusão politica que a policia teve o bom senso de não retirar... da circulação.

O publico applaude phreneticamente todas as noites **A dobadoura**.

Outra revista tem estado em scena e com tal exito tambem, que vão ser celebradas as suas *bodas de ouro*: é a **De risca ao lado** que no theatrinho do **Rato** attinge as suas 50 representações. E como estamos em maré de ouro além d'estas bodas, e do que ella tem produzido, não é de mais alludir ás esporas de ouro que ganharam em dal a á luz os srs. Arthur Ribeiro e Julio Dumont. O conhecido auctor actor Santos Junior, que é a alma do desempenho da **De risca ao lado**, tem uma parte avantajada nos successos obtidos todas as noites pela Revista.

No **Avenida** fez a sua estreia a companhia Carlos Alberto, do Porto, com a magica **A filha do Feiticeiro**, original dos srs. Miranda e Sousa Rocha. Transformações, visualidades, scenario de Machado, apparatuso guarda-roupa, bellos trechos de musica de Calderon, e desempenho dos melhores artistas, não admira que **A filha do Feiticeiro** triumphasse em toda a linha.

Não nos dão peças novas a **Trindade** e o **Principe Real**. Naquelle theatro fez se a *reprisse* dos **Raios X**, a espirituosa Revista de Esculapio e Caracoles, rejuvenescida e augmentada com cinco quadros novos, cheios de interesse de graça e de actualidade. Foi em festa artistica de Thereza de Mattos. No **Gymnasio** o *quarto independente*, de Eduardo Coelho, continúa a ser, para os *habitués* do elegante theatro, permanente fabrica de gargalhadas. Barbara, Jesuna, Joaquim d'Almeida, Cardoso e Soller, encarregaram-se, ao que parece, de desopilar os fignados da população.

Resta, para fechar com chave de ouro este mau alinhavado, o **Colyseu dos Recreios**, que á varinha magica de Antonio Santos, todas as noites, apesar de já ir longe o Carnaval, dá aos seus numerosos publicos innovações e attractivos. Depois da *Mérode* e de *Miss Ella*, e dos *Vicentina*, e dos bailarinos andaluzes, lá temos agora o *Kinematographo* com os seus interessantes e humoristicos quadros, o melhor e mais aperfeiçoado que n'este genero tem apparecido em Lisboa.

JAYME VICTOR.

